

A percepção pública sobre a política externa russa nos anos 2000: a atuação de Moscou no espaço pós-soviético e além segundo o olhar dos russos.

Valdir da Silva Bezerra¹

Resumo

O presente artigo visa discutir a repercussão dos principais eventos envolvendo a Federação Russa no plano internacional durante os anos 2000 do ponto de vista da opinião pública. Objetiva-se analisar de que maneira a população russa interpretou - e reagiu - a três situações emblemáticas da política externa russa sob o governo Putin, a saber, a Guerra Russo-Georgiana de 2008 (quando o mesmo era Primeiro-Ministro), a anexação da Criméia à Rússia em 2014 e a intervenção da força área russa durante o conflito na Síria em 2015. Para tal, serão utilizados dados extraídos de pesquisas de opinião pública elaboradas pelo Instituto Levada (de Moscou), coletados a partir dos anos 2000. Como conclusão, será realizada uma análise geral da posição russa quanto aos eventos em questão, identificando os efeitos que tais ações de política externa tiveram sobre a opinião pública nos anos seguintes, bem como suas possíveis implicações para a sociedade e governo.

Palavras-Chave: Rússia, Opinião Pública, Política Externa Russa, Espaço Pós-Soviético

1 Introdução

Seja como Presidente ou Primeiro-Ministro, os anos de governo de Vladimir Putin (2000-presente) à frente da Rússia testemunharam uma maior assertividade (para alguns "agressividade") da política externa russa, sobretudo no espaço pós-soviético (BUZAN e WAEVER, 2003, p. 408). Após eventos como a guerra Russo-Georgiana de 2008 e a anexação da Crimeia em 2014, passou-se a enxergar um novo recrudescimento da posição russa no mundo, numa postura de confrontação ao Ocidente.

A intervenção militar russa na Geórgia em 2008, sob a justificativa de defesa às populações que viviam nas regiões da Abcássia e Ossétia do Sul, demonstrou, segundo

¹ Mestrando em Relações Internacionais pela Universidade Estatal de São Petersburgo (Rússia). Membro do Núcleo de Pesquisas em Relações Internacionais da USP: Grupo de Estudos sobre Ásia (NUPRI-GEASIA). E-mail: sb1.valdir@gmail.com

alguns, que o país voltava a invadir inopinadamente um Estado vizinho, vencendo uma guerra curta contra um adversário mais fraco no intuito de melhorar sua posição militar e preeminência regional, à guisa do período soviético (OLDBERG, 2010, p.17; KLEIN, 2009, p.5).

Já em 2014, com a anexação da península da Criméia, uma nova percepção internacional se cria a respeito da Rússia de Putin, a saber, a do renascimento de uma Grande Potência que voltou a restabelecer o controle sobre sua *zona de influência* (RUDZIT, 2014). Putin, de fato, buscava retomar a condição da Rússia de Grande Potência (condição essa perdida após o colapso da União Soviética e posterior crise dos anos 1990), recuperando o *status* de país fundamental no jogo político global (ADAM, 2011, p.46), atuando como "a principal potência" definidora da *ordem internacional* em sua região (KLEIN, 2009, p.19).

Para além de sua região, no entanto, a atuação da força aérea russa no conflito sírio em 2015 demonstrou que o país havia adotado uma postura de confrontação aos interesses do Ocidente não somente em áreas diretamente ligadas à sua segurança territorial, como também em regiões geograficamente afastadas de Moscou (LUKYANOV, 2016, p. 36). Este artigo, por sua vez, visa extrapolar as observações introdutórias acima expostas, repercutindo sobre a avaliação que a opinião pública fez dos resultados da política externa russa nos anos 2000 envolvendo a atuação de Moscou no espaço pós-soviético e além.

2. Geórgia (2008): tensão e resfriamento

Em 2008, Putin ocupava o cargo de Primeiro Ministro da Rússia, enquanto que a presidência do país estava sob responsabilidade de Dmitri Medvedev². Aponta-se, no entanto, que a presidência de Medvedev (2008-2012) "não representou nenhuma mudança em termos de opção geopolítica na medida em que Medvedev, mais do que um aliado fiel, é um seguidor de Putin" (MAZAT e SERRANO, 2012, p.22). Tal afirmação baseia-se numa

² Apesar da considerável popularidade que gozava à época das eleições de 2008, Putin não pôde concorrer a um terceiro mandato consecutivo, por força do disposto na **Constituição Russa**, que proíbe que uma mesma pessoa seja eleita presidente do país por mais de dois termos seguidos (CFR, 1993, Art 81 §3). Naquele ano, Dimitri Medvedev ganhou as eleições presidenciais, enquanto Vladimir Putin assumiu as funções de Chefe de Governo (Primeiro-Ministro), responsável pela organização, administração e implementação de medidas governamentais em âmbito doméstico (CFR, 1993, Art. 113).

percepção de que durante o período Medvedev a "estratégia de Putin para o reforço da soberania da Rússia e a afirmação dos seus interesses geopolíticos – neste caso, no espaço pós-soviético – foi mantida" (DUGIN, 2016), como demonstrado em 2008, quando da eclosão da guerra Russo-Georgiana de agosto daquele ano. De fato, a base doutrinária para a intervenção russa no país vizinho fora estabelecida em 2000, quando da menção no Conceito de Política Externa da Federação Russa à "necessidade de defesa dos interesses de populações russas vivendo no exterior", motivo esse alegado por Medvedev como justificativa para o início das hostilidades.

Medvedev, em reunião de emergência com membros do Conselho de Segurança nacional antes do início da guerra, afirmou que

De acordo com a Constituição e a legislação federal, como Presidente da Federação Russa, sou obrigado a proteger a vida e a dignidade dos cidadãos russos onde quer que eles estejam [...] Não vamos permitir impunidade em relação à morte dos nossos compatriotas. Os culpados sofrerão o merecido castigo (MEDVEDEV, 2008, tradução nossa)³.

Não obstante, à época a Geórgia ensaiava uma aproximação com a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), situação que provocava um clima de tensão entre Moscou e o Ocidente, com o breve enfrentamento entre russos e georgianos representando "a demonstração mais clara da reafirmação geopolítica russa em relação à OTAN e seus membros" (MAZAT e SERRANO, 2012, p.30). Outrossim, conforme observa Kotkin (2015, p.151), em relação aos demais Estados em seu entorno, a força militar russa é de longe a mais poderosa, vide Tabela I abaixo:

³ *v sootvetstviy s Konstitutsiyey i federal'nym zakonodatel'stvom, kak prezident RF, ya obyazan zashchishchat' zhizn' i dostoinstvo rossiyskikh grazhdan, gde by oni ni nakhodilis' [...] My ne dopustim beznakazannoy gibeli nashikh sootchestvennikov. Vinovnyye ponesut zasluzhennoye nakazaniye* (no original em russo)

Tabela I

Forças Militares no Espaço Pós-Soviético em Tropas e Equipamentos, no ano de 2008

País	Forças ativas (homens)	Tanques	Aviões de combate
RÚSSIA	1.130.000	23860	1988
Armênia	42080	110	16
Azerbaijão	66940	320	47
Bielorrússia	72940	1586	175
GEÓRGIA	21150	53	8
Ucrânia	129925	2984	211
Cazaquistão	49000	980	162
Quirguistão	10900	150	52
Tadjiquistão	8800	37	0
Turcomenistão	22000	170	94
Uzbequistão	67000	340	135

FONTES: International Institute for Strategic Studies (IISS, 2009) (cf. KLEIN, 2009, p.19)

A guerra, que terminou com a vitória russa sobre as forças georgianas, mudaria o *status* político da Abcássia e Ossétia do Sul, que se aproximaram de Moscou ao passo que declararam independência com relação ao governo de Tbilisi. Em 20 de agosto de 2008, o parlamento da Abcássia encaminhou à Moscou um pedido de "reconhecimento da independência da república"; já no dia 22, um pedido semelhante foi encaminhado pelo parlamento da Ossétia do Sul; por fim, em 26 de agosto, a Federação Russa reconheceu a independência da Ossétia do Sul e da Abcássia⁴ (TASS, 2018).

A posição da opinião pública russa quanto ao *status* político dessas duas regiões, por sua vez, apresentou significativa mudança durante os períodos pré e pós-conflito, seguindo a mesma linha adotada pelo governo russo em favor do reconhecimento das repúblicas como "Estados independentes". Perguntados, por exemplo, a respeito do *status* político da Ossétia do Sul, 47% (em média) dos russos entrevistados entre 2009-2015 passaram a considerar a região como um "Estado independente", contra 19% (em média) durante o período 2004-2006; não obstante, a percepção de que a região deveria fazer "parte da Geórgia" caiu de 17% (em média) entre 2004-2006 para 11% (em média) entre 2009-2015;

⁴ Além da Rússia, apenas Venezuela, Nicarágua, Nauru (uma pequena ilha situada na Micronésia/Oceania) e, mais recentemente, a Síria reconheceram internacionalmente a independência das duas repúblicas.

já a percepção de que a região deveria fazer "parte da Rússia" também caiu, de 41% (em média) entre 2004-2006 para 26% (em média) entre 2009-2015 (LEVADA, 2016, p. 259).



Figura 1 – Abcássia e Ossétia do Sul (FONTE: NPR, 2017)

Quanto à Abcássia, 49% (em média) dos russos entrevistados entre 2009-2015 passaram a considerar a região como um "Estado independente", contra 19% (em média) durante o período 2004-2006⁵; não obstante, a percepção de que a região deveria fazer "parte da Geórgia" caiu de 24% (em média) entre 2004-2006 para 10% (em média) entre 2009-2015; já a percepção de que a região deveria fazer "parte da Rússia" curiosamente também caiu, apesar da vitória militar, de 31% (em média) entre 2004-2006 para 25% (em média) entre 2009-2015 (*ibidem*, p. 259).

Em se tratando da percepção russa com relação à Geórgia, por sua vez, observa-se um ciclo de tensão que vai de 2005 a 2011, seguindo de um resfriamento a partir de 2013 em diante. Durante bastante tempo (mesmo anos antes do conflito) a Geórgia figurou

⁵ Importante lembrar que o então presidente Dmitri Medvedev assinou em 26 de agosto de 2008 um decreto reconhecendo a independência Estatal e soberania da Ossétia do Sul e da Abcássia.

como um dos "cinco países mais hostis" à Federação Russa, conforme demonstra Tabela II abaixo

Tabela II

Os 5 países mais hostis à Rússia segundo opinião pública

2005	2007	2009	2011	2013	2015	2017
Letônia (49)	Estônia (60)	Geórgia (62)	Geórgia (50)	EUA (38)	EUA (73)	EUA (69)
Lituânia (42)	Geórgia (46)	EUA (45)	Letônia (35)	Geórgia (33)	Ucrânia (37)	Ucrânia (50)
Geórgia (38)	Letônia (36)	Ucrânia (41)	Lituânia (34)	Letônia (21)	Lituânia (25)	Lituânia (24)
Estônia (32)	EUA (35)	Letônia (35)	EUA (33)	Lituânia (17)	Letônia (25)	Letônia (24)
EUA (23)	Lituânia (32)	Lituânia (35)	Estônia (30)	Estônia (16)	Polônia (22)	Alemanha (24)

Nº de Entrevistados = 1600
 (...) = Os números entre parênteses representam a quantidade de menções a cada 100 entrevistados. A título de exemplo (50) significa que: de cada 100 entrevistados, 50 mencionaram o referido país como um dos "5 países mais hostis à Federação Russa"

FONTE: Levada Analytical Center (2018, p. 194)

Conforme Tabela, no contexto do pós-guerra (entre 2009-2011) a Geórgia ocupou temporariamente o posto de "país mais hostil" à Rússia, condição esperada em função das memórias recentes de guerra, vindo a perder este posto somente em 2013 para os Estados Unidos. A partir de 2014, por sua vez, o país sequer voltou a aparecer entre os cinco primeiros colocados, muito em função de um esfriamento de ânimos e frente à turbulência política que tomara conta da Ucrânia em 2014, envolvendo os interesses de Kiev em se aproximar da União Europeia ao mesmo tempo em que procurava se afastar da influência política de Moscou. Além do mais, em 2013, cinco anos após o fim do conflito, 64% dos russos eram ("parcial" ou "definitivamente") a favor do restabelecimento de relações diplomáticas entre Rússia e Geórgia (*ibidem*, p. 258), agravadas enquanto resultado da guerra.

Para todos os efeitos, depreende-se dos dados acima que a breve guerra entre os dois países em 2008 contribuiu temporariamente para a piora da imagem da Geórgia frente à opinião pública, imagem essa que já vinha anteriormente carregada por uma percepção de hostilidade (do ponto de vista russo) por parte de Tbilisi (vide os dados de 2005 e 2007 da

Tabela II acima). Tal percepção, no entanto, fora resfriada pelo surgimento de novas tensões com os Estados Unidos nos anos seguintes e pela crise política que afetaria a Ucrânia em 2014, antagonizando Moscou e Kiev.

3. Crimeia (2014): a Rússia aumenta suas fronteiras

Em finais de 2013 e começo de 2014, uma crise política interna irrompe na Ucrânia envolvendo a aproximação de Kiev com a União Europeia, culminando (após tumultuosas manifestações políticas na capital do país) numa troca de governo e instabilidade doméstica. Não obstante a crise, em março de 2014, a Crimeia seria anexada à Rússia em circunstâncias bastante controversas do ponto de vista do Direito Internacional, provocando fortes críticas por parte do Ocidente.

A península da Crimeia fora incorporada ao Império Russo em 1783, durante o reinado da Imperatriz Catarina II "A Grande" (1762-1796), após vitória russa sobre os turcos que detinham o controle da região até finais do Século XVIII. Já no Século XX, sob concessão do então Secretário-Geral da URSS Nikita Krushev, a península foi cedida à Ucrânia em 1954. Para Putin, a decisão tomada por Krushev justifica-se pelo fato da transferência de territórios ter acontecido dentro de um mesmo grande Estado (a União Soviética) e adiciona que

Naquela época era simplesmente impossível imaginar que a Ucrânia e a Rússia pudessem não estar juntas, que poderiam se tornar Estados separados. Mas no fim, foi o que aconteceu [...] e quando a Criméia de repente se encontrou como parte de outro Estado [pós-dissolução Soviética], a Rússia sentiu-se não somente incompleta, mas roubada.⁶ (PUTIN, 2014; tradução nossa).

Com o fim da URSS em 1991, os russos enxergariam a soberania ucraniana sobre a Crimeia "*como a perda mais humilhante de todos os territórios deixados fora da*

⁶ *Togda prosto nevozmozžno bylo predstavit', chto Ukraina i Rossiya mogut byt' ne vmeste, mogut byt' raznymi gosudarstvami. No eto proizoshlo [...] vot togda uzhe Rossiya pochuvstvovala, chto yeyo dazhe ne prosto obokrali, a ograbili* (no original em russo)

Rússia após a desintegração da União Soviética"⁷ (LUKYANOV, 2016, p. 35; tradução nossa). Sendo assim, sua anexação pela Federação Russa em março de 2014 significaria, portanto, a correção daquele erro histórico (ibidem, p.35). Além do mais, lembra Sloboda (2014, p.2), "A península é de localização estratégica para a Rússia, porque abriga sua frota no Mar Negro".

Do ponto de vista da opinião pública, a incorporação da Criméia pela Rússia representou para mais de 70% dos entrevistados (durante o biênio 2014-2015) o retorno do país "ao seu tradicional papel de Grande Potência, promovendo seus interesses no espaço pós-soviético" (LEVADA, 2016, p. 272; tradução nossa).



Figura 2 – Putin em discurso à Assembleia Nacional por ocasião dos eventos que levaram à anexação da Criméia (FONTE: *Al Jazeera*, 2014)

Também no biênio 2014-2015, quando perguntados "qual das seguintes opiniões sobre a incorporação da Crimeia à Rússia é mais próxima da sua?", frente às opções 1) A anexação da Crimeia foi um erro irrecuperável e 2) A incorporação da Crimeia à Rússia é uma grande conquista das autoridades, cujas consequências positivas serão sentidas no futuro, mais de 80% dos entrevistados afirmaram concordar com a segunda opinião (ibidem,

⁷ *Russians had always viewed Crimea as the most humiliating loss of all the territories left outside of Russia after the disintegration of the Soviet Union* (no original)

p. 273; tradução nossa). No período que vai de 2014 a 2017, mais 80% dos entrevistados acreditavam que a Crimeia deveria de fato fazer parte da Rússia (LEVADA, 2018, p.184), ao passo que 81 % (em média) encaravam de forma ("parcial" ou "totalmente") negativa um eventual retorno da península à Ucrânia (LEVADA, 2016, p.275). Como afirma Sloboda

É improvável que a Rússia restitua a península ao país. Uma política de fato consumado deve inviabilizar esse tipo de reparação [...] Como a Rússia alega que sua conduta foi legal, e como as lógicas de poder dificultam o sucesso das retorsões impostas, qualquer reparação dos danos causados à Ucrânia é improvável (SLOBODA, 2014, p.14, 20)

Diante, por sua vez, da seguinte provocação "você concorda que, ao anexar a Crimeia, a Rússia quebrou todos os acordos internacionais pós-guerra, assim como o Direito Internacional?", aproximadamente 80% dos entrevistados (entre 2014 e 2017) responderam não concordar (parcialmente ou totalmente), enquanto que mais de 2/3 responderam "não se importar com a percepção Ocidental" sobre uma eventual desobediência russa a tais acordos (LEVADA, 2018, p. 185; tradução nossa). Segundo Sloboda

O que melhor caracteriza o comportamento das Grandes Potências na crise da Crimeia é a hipocrisia. A OTAN violou o Direito Internacional ao usar a força em Kosovo sem a autorização prévia do Conselho da Segurança da ONU. Os Estados Unidos violaram o Direito Internacional ao invadirem o Iraque em 2003 sem autorização expressa do Conselho de Segurança. [...] A ação da Rússia na Crimeia, da mesma forma, violou o Direito Internacional (SLOBODA, 2014, p. 19)

Não obstante, as sanções Ocidentais impostas à Rússia como resposta à anexação foram vistas por (pelo menos) 2/3 dos entrevistados como "*uma tentativa de enfraquecer e humilhar a Rússia*" (LEVADA, 2016, p. 286). Essa opinião, por sua vez, é refletida por Putin (2018; tradução nossa) que, a respeito das constantes sanções do Ocidente à Rússia, considera que "*sempre foi assim - logo que a Rússia se tornava um Estado forte e poderoso, nossos parceiros entravam em pânico, e começavam as tentativas de conter a Rússia*"⁸. Dugin (2016), por seu turno, relativamente ao tratamento dado à Rússia pelas demais potências internacionais ao longo do tempo, corrobora tal pensamento dizendo

⁸ *Vsegda tak bylo — kak tol'ko Rossiya stanovilas' sil'nym, moshchnym gosudarstvom, nachinalas' panika u nashikh partnerov, vsegda nachinalis' popytki sderzhivat' Rossiyu* (no original em russo)

"Historicamente tem sido demonstrado que caso sejamos fortes, têm-nos em conta, e caso sejamos fracos, ignoram-nos".

Para além das opiniões manifestadas acima e da percepção pública relativa ao evento, de um ponto de vista mais amplo a anexação da Criméia representou uma nova modificação do mapa político europeu, aumentando ainda mais as fronteiras da Rússia. Neste quesito, por seu turno, quando perguntados "Em quais fronteiras você gostaria de ver a Federação Russa no futuro?", os russos responderam conforme Tabela III abaixo

Tabela III

"Em quais fronteiras você gostaria de ver a Federação Russa no futuro?"
(Números expressos em %)

Opções	1998	2007	2010	2014	2015
Nas atuais fronteiras	19	35	43	32	57
Nas atuais fronteiras + Bielorrússia	3	3	4	5	8
Nas atuais fronteiras + Ucrânia	2	1	2	4	1
Nas atuais fronteiras + Bielorrússia e Ucrânia	11	7	6	6	3
Nas atuais fronteiras + Bielorrússia, Ucrânia e Cazaquistão	12	9	10	13	4
Nas fronteiras da antiga URSS, menos os Estados bálticos	19	13	11	13	8
Nas fronteiras da antiga URSS, incluindo os Estados bálticos	28	22	13	17	8
Difícil responder	6	9	10	10	10
Nº de Entrevistados	1600			800	

Fonte: Levada Analytical Center (2016, p. 255)

Conforme demonstra Tabela acima, 57% dos entrevistados em 2015 (no contexto pós-anexação) preferiram a Rússia em suas fronteiras atuais (inclusive Criméia), ao mesmo tempo em que observou-se (ao longo do tempo) uma diminuição percentual (de 28% em 1998 para apenas 8% em 2015) de russos desejosos de ver o país em suas antigas fronteiras soviéticas. Também ocorreu diminuição percentual na preferência russa pelas opções "atuais fronteiras + Bielorrússia e Ucrânia" (de 11% em 1998 para 3% em 2015), "atuais fronteiras + Bielorrússia, Ucrânia e Cazaquistão" (de 12% em 1998 para 4% em 2015) e, por fim, "nas antigas fronteiras soviéticas, menos Estados bálticos" (de 19% em 1998 para 8% em 2015).

Em síntese, a anexação da Criméia em 2014 pareceu encontrar relativo respaldo por parte da população russa nos anos que se seguiram ao evento. Resta saber, no entanto, se no médio ou no longo prazo (mantidas a desaceleração econômica do país, assim como as sanções Ocidentais) a opinião pública continuará manifestando uma atitude positiva quanto à incorporação da península por Moscou, tendo em vista possíveis mudanças na percepção do "custo-benefício" envolvendo a manutenção da Criméia sob controle russo.

4 Síria (2015): retorno do orgulho militar

O início da guerra civil síria se dá em março de 2011, quando protestos de caráter pacífico contra a falta de liberdade, problemas econômicos e repressão governamental iniciam-se em diversas regiões do país, no contexto da então denominada "Primavera Árabe". O regime de Bashar Al-Assad, que na ocasião respondeu às manifestações através do uso da força, aprisionou e oprimiu boa parte da população síria envolvida nos protestos. Neste ínterim, grupos paramilitares de oposição e extremistas religiosos insurgiram-se contra o regime, iniciando uma disputa que levaria, quase oito anos depois, à mais de 500 mil mortos, 1 milhão de feridos e cerca de 12 milhões de pessoas deslocadas ou refugiadas ao redor do mundo.

É neste conturbado contexto que em 2015, com o regime de Bashar Al-Assad prestes a ser deslocado definitivamente do poder pela atuação da organização terrorista intitulada Estado Islâmico (EI), que a intervenção militar da força aérea russa trouxe novo fôlego à Assad. A intervenção, autorizada pelo presidente Putin em 2015, viria sob a justificativa da defesa dos cidadãos russos contra a ameaça representada por uma vitória total do EI na Síria. No final daquele mesmo ano, em discurso diante da Assembleia Federal, Putin assim justificou a atuação russa no conflito.

O perigo maior para nós vem dos militantes que se concentraram atualmente na Síria [...] se eles ficarem mais fortes e forem vitoriosos lá, então inevitavelmente aparecerão à nossa volta para semear o medo e o ódio, explodir, matar e atormentar as pessoas. Somos obrigados a encontrá-los e destruí-los longe de casa. [...] na Síria, nossas Forças Armadas estarão lutando principalmente pela Rússia, defendendo a segurança de nossos cidadãos (PUTIN, 2015; tradução e grifo nossos)⁹

A respeito de números, Putin (2018) mencionaria que em torno de 2500 cidadãos russos e 4500 cidadãos da Comunidade dos Estados Independentes (CEI), países com os quais a Rússia não possui regime de visto, uniram-se às formações terroristas do EI e Jabhat al Nusrah na Síria. Interessante notar, no entanto, que ao serem perguntados "quais seriam as metas do governo russo em sua cooperação à Bashar Al-Assad?", a resposta mais selecionada pelos entrevistados (dentro um quadro com opções já pré-determinadas) em 2015 foi "garantir a segurança das companhias russas na região" (30%) seguida de perto por "fortalecimento da posição da Rússia no mundo" (28%); as demais opções "impedir a disseminação do EI e do islamismo radical no mundo, defendendo as fronteiras do sul da Rússia" e "Defender o último dos regimes pró-Rússia no Oriente Médio" obtiveram respectivamente 22 e 19% da preferência nas respostas (LEVADA, 2016, p. 324). A fato da opção "evitar a disseminação do EI" (consequentemente protegendo a Rússia de possíveis ataques terroristas em seu próprio território) ter sido somente a terceira opção mais votada parece denotar que as explicações do governo para a intervenção militar na Síria não ressoaram plenamente na população¹⁰.

Por outro lado, a intervenção da força aérea russa no país árabe pareceu surtir um efeito positivo na opinião pública com relação ao prestígio militar de Moscou no cenário internacional. Em nenhum outro momento desde o colapso da União Soviética em 1991, afirma Lipman (2016, p. 44), o povo russo se sentiu tão orgulhoso de seu poderio militar e de sua influência nos assuntos globais. Em 2015, por exemplo, no auge da intervenção, 68% dos

⁹ *Osobaya opasnost' dlya nas iskhodit ot boyevikov, kotoryye skontsentrirovalis' v Sirii [...] yesli okrepnut, pobedyat tam, to neizbezhno okazhutsya u nas, chtoby seyat' strakh i nenavist', vzryvat', ubivat', muchit' lyudey. I my obyazany vstretit' ikh i unichtozhit' na dal'nikh podstupakh [...] v Sirii nashi Vooruzhonnyye Sily srazhayutsya prezhde vsego za Rossiyu, otstaivayut bezopasnost' imenno nashikh grazhdan* (no original em russo)

¹⁰ Importante mencionar que, além dos motivos relacionados pela pesquisa, Bezerra (2018) também destaca os interesses de caráter geopolítico da Rússia na região, como a manutenção de importante base naval em Tartus, permitindo acesso estratégico para os navios russo ao Mar Mediterrâneo.

entrevistados sentiam-se ("de alguma forma" ou "muito") orgulhosos da influência política da Rússia no mundo, enquanto que 85% sentiam-se ("de alguma forma" ou "muito") orgulhosos das forças armadas do país (LEVADA, 2016, p.42).

Num primeiro momento, a política doméstica do governo Putin concentrou-se de fato em reorganizar e modernizar o complexo industrial-militar do país, elevando o status de suas forças armadas (MEDEIROS, 2011, p.27). Posteriormente, sobretudo em seu segundo mandato (2004-2008), Putin teria ampliado a capacidade de projeção de poder da Rússia no espaço pós-soviético (a exemplo do que aconteceu na guerra Russo-Georgiana), reclamando uma liderança regional ancorada por fatores militares (KLEIN, 2009, p.32). Por fim, tendo auxiliado as forças do regime de Bashar Al-Assad na Síria, Putin pareceu demonstrar que a Rússia contemporânea, para além do âmbito regional, ainda era capaz de projetar seu poderio militar em demais partes do globo (THAROOR, 2017).

Nesse contexto, portanto, a elevação no sentimento de orgulho por parte dos russos quanto às forças armadas do país vem ao encontro dos objetivos estabelecidos pelo governo (tanto do ponto de vista doméstico quanto do de política externa), uma vez que Moscou terá menos dificuldades em justificar sua crescente atenção ao segmento militar, ao mesmo tempo em que utiliza pontualmente o seu *hard power* na defesa dos interesses russos no espaço pós-soviético e fora dele.

5 Considerações finais

Três dos mais emblemáticos eventos da política externa russa durante os anos 2000 impactaram não somente a comunidade internacional, como também a própria opinião pública russa. No caso da Guerra Russo-Georgiana de 2008, se, por um lado, o reconhecimento público quanto ao novo *status* político da Abcássia e Ossétia do Sul enquanto "Estados independentes" alinhou-se ao reconhecimento Estatal nesse mesmo sentido, por outro a percepção de "hostilidade da Geórgia para com a Rússia" (alavancada como era de esperar em função do conflito) durou somente até o surgimento de novas tensões com os Estados Unidos e, sobretudo, em decorrência da crise política na Ucrânia, antagonizando ambos os governos em Kiev e Moscou.

A situação envolvendo a crise na Criméia em 2014, por sua vez, demonstra uma relativa aquiescência da população em relação às políticas adotadas pelo governo, manifestada pela aprovação majoritária quanto à incorporação da península pela Rússia. Não obstante, boa parte dos entrevistados pareceu não se importar com as críticas oriundas do Ocidente em relação a violações do Direito Internacional perpetradas por Moscou, assim como as sanções impostas à Rússia foram enxergadas como mais uma tentativa de enfraquecer o país no cenário internacional. Após o evento, contudo, a opinião pública manifestou-se em favor da permanência da Rússia em suas atuais fronteiras (pós-inclusão da Criméia), o que pode indicar uma provável oposição ideológica (pelo menos a curto prazo) a pretensões territoriais adicionais.

Em relação à Síria, muito embora o motivo apontado pelo governo para a intervenção no país árabe (o combate aos terroristas longe do território russo) não tenha sido a mais óbvia razão para tal investida segundo os entrevistados, um de seus principais efeitos, - a saber, o ressurgimento do orgulho popular quanto às forças militares do país e seu papel na consolidação da influencia da Rússia em assuntos globais - serve de incentivo ao Estado em sua continuada (e tradicional) promulgação de políticas voltadas para o fortalecimento e modernização do exército, bem como em sua eventual utilização para a defesa dos interesses russos no âmbito regional ou mesmo fora dele.

Referências bibliográficas

ADAM, Gabriel Pessin. **A Rússia e os Países da Comunidade dos Estados Independentes no Início do Século XXI**. In: ALVES, André Augusto De Miranda Pinelli (org.). Uma Longa Transição: Vinte Anos de Transformações na Rússia. Brasília: IPEA, 2011. p.39-80

BEZERRA, Valdir da Silva. **A questão do terrorismo na Federação Russa durante o governo Putin**: as interpretações e interesses de Moscou no combate ao problema. Revista Fronteira, Belo Horizonte, v. 17, n. 34, pp. 235 - 255, 2º sem. 2018. Disponível em:

<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/fronteira/article/view/16296>> Acesso em: 18.fev.2019

BUZAN, Barry. WAEVER, Ole. **Regions and Powers: The Structure of International Security**. United Kingdom: Cambridge University Press, 2003

DUGIN, Alexandr. **Geopolítica da Rússia Contemporânea**. Lisboa: Instituto de Altos Estudos em Geopolítica e Estudos Auxiliares, 2016

KLEIN, Margarete. **Russia's Military Capabilities**. Berlin: SWP Research Paper, 2009. Disponível em: <<https://www.swp-berlin.org/en/publication/russias-military-capabilities/>> Acesso em: 13.dez.2018

KOTKIN, Stephen. **The Resistible Rise of Vladimir Putin: Russia's Nightmare Dressed Like a Daydream**. Foreign Affairs: 2015. Disponível em: <http://stephenkotkin.com/wp-content/uploads/2015/03/23_Kotkin.pdf> Acesso em: 04.fev.2019

LEVADA ANALYTICAL CENTER. **Russian Public Opinion 2013-2015**. Moscou: 2016, 365 pp. Disponível em: <<http://www.levada.ru/cp/wp-content/uploads/2016/01/2013-2015-Eng1.pdf>> Acesso em: 20.fev.2019

_____. **Russian Public Opinion 2017**. Moscou: 2018, 240 pp. Disponível em: <<https://www.levada.ru/cp/wp-content/uploads/2018/05/2017Eng.pdf>> Acesso em: 20.fev.2019

LIPMAN, Maria. **How Putin Silences Dissent: Inside the Kremlin's Crackdown**. Foreign Affairs, Estados Unidos, v.95, n.3, p.38-46, mai/jun.2016

LUKYANOV, Fyodor. **Putin's Foreign Policy: The Quest to Restore Russia's Rightful Place**. Foreign Affairs, Estados Unidos, v.95, n.3, p.30-37, mai/jun.2016

MAZAT, Numa; SERRANO, Franklin. **A Geopolítica Da Federação Russa em Relação aos Estados Unidos e à Europa: Vulnerabilidade, Cooperação e Conflito**. In: ALVES, Andre Augusto De Miranda Pinelli (org.) **Rússia no Século XXI: O Renascimento de uma Potência?** Brasília: IPEA, 2012. p.9-50

MEDEIROS, Carlos Aguiar de. **A Economia Política de Transição na Rússia**. In: ALVES, Andre Augusto De Miranda Pinelli (org.). **Uma Longa Transição: Vinte Anos de Transformações na Rússia**. Brasília: IPEA, 2011. p.13-38

MEDVEDEV, Dmitri. **Voyna Na Oba Doma: V Yuzhnoy Osetii Idet Voyna Mezhdru Rossiyye I Gruziyye** [Guerra Nas Duas Casas: Na Ossétia Do Sul, a Guerra Prossegue Entre A Rússia E A Geórgia]. Gazeta: 2008. Disponível em: <https://www.gazeta.ru/politics/2008/08/08_a_2805501.shtml?updated> Acesso em: 25.fev.2019

OLDBERG, Ingmar. **Russia's Great Power Strategy under Putin and Medvedev**. Swedish Institute of International Affairs: 2010. Disponível em: <<http://www.ui.se/upl/files/44240.pdf>> Acesso em: 23.nov.2018

PUTIN, Vladimir. **Obrashcheniye Prezidenta Rossiyskoy Federatsii** [Discurso do Presidente da Federação Russa]. Moscou: 2014. Disponível em: <<http://kremlin.ru/events/president/news/20603>> Acesso em: 01.mar.2019

_____. **Poslaniye Prezidenta Federal'nomu Sobraniyu** [Discurso do Presidente à Assembleia Federal]. Kremlin: 2015. Disponível em: <<http://kremlin.ru/events/president/news/50864>>. Acesso em: 26 nov. 2018.

_____. **Soloviev's Exclusive Interview with President Putin - The New World Order and Russia's Place in It**. Vesti News: 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bWoIE1CWYbQ&-t=1721s&has_verified=1>. Acesso em: 12 fev. 2019.

RUDZIT, Gunther. **Com anexação da Crimeia, Rússia planeja restaurar sua influência geopolítica**. TV Estadão. Disponível em: <<http://tv.estadao.com.br/internacional.com-anexacao-da-crimea-russia-planeja-restaurar-sua-influencia-geopolitica,170141>> Acesso em: 01.mar.2019

RUSSIA. **Constituição da Federação Russa**. Moscou: 1993. Disponível em: <<http://www.constitution.ru/en/10003000-05.htm>> Acesso em: 28.nov.2018

_____. **The Foreign Policy Concept of The Russian Federation**. Moscou: 2000. Disponível em: <<http://fas.org/nuke/guide/russia/doctrine/econcept.htm>> Acesso em: 29.nov.2018

SLOBODA, Pedro Muniz. **A anexação da Crimeia pela Rússia: uma análise jurídica**. Revista Eletrônica de Direito Internacional, v. 13, p. 1-22, 2014.

TASS. **Countries that recognized South Ossetia's and Abkhazia's independence.** Russian News Agency: 2018. Disponível em: <<http://tass.com/world/1007058>> Acesso em: 01.mar.2019

THAROOR, Ishaan. **Putin is outplaying Trump in the Middle East.** TheWashington Post: 2017. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2017/12/12/putin-is-outplaying-trump-in-the-middle-east/?noredirect=on>>. Acesso em: 12 fev. 2019.

Public Perception on Russian Foreign Policy During the Years 2000: Moscow's Political Outcomes in the Post-Soviet Space and Beyond According to the Russian View

Abstract

This paper aims to discuss the repercussion of the main events involving the Russian Federation at the international level during the years 2000 from the point of view of public opinion. It focuses on how the Russian population interpreted and reacted to three highly emblematic instances of Russian foreign policy under Putin's government, namely the Russo-Georgian War of 2008 (when Putin was Prime Minister), the annexation of Crimea in 2014 and the intervention of the Russian air force during the Syrian conflict in 2015. As for the methodological approach, we used data extracted from public opinion polls by the Levada Analytical Center collected from 2000 onwards. Finally, we provide a general analysis of the Russian position on the events, identifying the main effects that those foreign policy actions had on public opinion in subsequent years, as well as their possible implications for society and government.

Keywords: Russia, Public Opinion, Russian Foreign Policy, Post-Soviet Space